

**ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA
DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALCOCHETE**



HISTÓRIA DOS BOMBEIROS DE ALCOCHETE

**ALCOCHETE
1997**

A todos os Bombeiros de Portugal.

Ao Sr. Estêvão Nunes, Fundador e primeiro
Comandante dos Bombeiros Voluntários de Alcochete.

Ao Sr. António Antunes, primeiro Presidente eleito
dos Bombeiros Voluntários de Alcochete.

Ao Sr. Luís Pintado, Comandante do actual
Corpo de Bombeiros Voluntários de Alcochete.

Ao Sr. Abel Gomes, Presidente da actual Direcção
dos Bombeiros Voluntários de Alcochete e
Secretário da Assembleia Geral da Federação
dos Bombeiros do Distrito de Setúbal.

Ao Bombeiro de Alcochete

VIDA POR VIDA

Bombeiro da minha terra,
Oh quanta nobreza encerra
Tua bela actuação!

Dar vida por outra vida
É missão nobre e sentida
De quem tem bom coração.

Quando o vejo desfilar
No seu garboso marchar
À luz do sol criador,
Minha alma fica suspensa
Por essa glória imensa
Que transmite o seu valor.

Apaga o fogo na terra
Como desejo o da guerra
Que tanta amargura faz
E que arda no teu peito
A chama do amor perfeito,
Grande soldado da paz!

D.ª Leonor Matos Ornelas

PANO-DE-FUNDO

Alcochete até ao Primeiro Plano de Fomento (1953-1958) vivia sobretudo do sal, do transporte fluvial (havia inclusive um estaleiro que construía e reparava fragatas), da pesca, das secas do bacalhau (Bacalhau Portugal, Pescal e SNAB), da agro-pecuária, da descarga do carvão no cais da Matinha (Lisboa) e pouco mais.

De facto, «Manuel Joaquim Orvalho (...), graças ao seu entusiasmo e aos seus esforços, criava em Novembro de 1954 uma fábrica em Alcochete para preparação de granulados de cortiça...» (Cf. O SÉCULO, Julho, 25 - 1960), mas só a partir da greve dos Salineiros de 1957, marco indelével da História Local, é que começou propriamente a industrialização do Concelho (Fires-tone, Ormis, Alumínio, etc.).

Neste esforço de desenvolvimento e modernização de Alcochete nos anos 50 e 60, seria injusto não referir os nomes do Eng.º Ferreira do Amaral, Director-Geral dos Serviços Industriais, do Dr. Elmano Alves, Subsecretário de Estado da Juventude e Desportos e dos Administradores Camarários Rui de Sousa Vinagre, Luís Santos Nunes e João Leite da Cunha.

AO POVO DE ALCOCHETE

O Alcochetano tanto é da terra como do mar: firme como o chão, branco como a água.

Firmeza e brandura não são predicados irreconciliáveis, antes se complementam numa simbiose peculiar que diferencia com nitidez os Alcochetanos das outras populações ribeirinhas.

Não repugna pensar que desde períodos muito recuados as actividades predominantes dos Alcochetanos ligavam-se ao mar ou com este se relacionavam: pesca, rapar sal nas marinhas, transporte fluvial de mercadorias, carregar e descarregar uma embarcação, etc. Mas esta constatação não significa que, se preciso fosse, não se visse o Alcochetano a construir uma falua, percorrer a campina atrás dum toiro, agarrar numa enxada, etc.

A reunião de todas estas variáveis cria uma especificidade de homem talvez única na Margem Sul do Tejo.

O Alcochetano agarra-se tenazmente ao legado dos seus avós onde não admite interferências, se bem que possa ficar atento ao soprar de novos ventos.

Esta idiosincrasia fá-lo afirmar ostensivamente que mais vale um pau pintado de branco e espetado na sua terra que o maior arranha-céus fora dela.

De facto Alcochete nunca foi propriamente uma terra de emigração. O Alcochetano, na generalidade, sempre foi avesso à ideia de abandonar a sua terra, ainda que isso o obrigasse aos maiores sacrifícios.

Alguns Alcochetanos tentavam a sorte fora do chão que os viu nascer, mas não raro regressavam à terra natal pouco depois da partida. A visão do mar e a extensão da várzea sempre exerceram uma atracção irresistível sobre eles. Na verdade, a história local de Alcochete não se caracteriza pela busca de trabalho no estrangeiro nem mesmo noutras regiões do País. Viessem as dificuldades que viessem, o Alcochetano suportava-as estoicamente, desde que não privassem do terrunho e da família.

Para fazer alarde da valentia, o pretexto do Alcochetano era o gado bravo que conduzia com brilhantismo das campinas do Ribatejo até à vila. E se num lance precipitado se via enredado nos cornos dum toiro, arvorava o acidente em troféu de vitória.

O Alcochetano típico desconfia dos intelectuais, apreciando mais uma saudação franca que qualquer arrazoado por mais pintado que seja. Gosta que lhe falem terra-à-terra, arrumando com duas ou três palavras depreciativas ou um simples gesto de desprezo toda a espécie de pretenciosismos.

A filosofia alcochetana assenta num curto leque de princípios bastante funcionais, muito agarrados à mais estrita praxis do senso comum, tão indestrutíveis quanto vetustos.

O Alcochetano é um homem de emoção e síntese. Detesta a análise. Para ele, as coisas dizem-se ou fazem-se de determinada maneira porque nunca ouviu dizer ou viu fazer de forma diferente, o que na essência não se altera mesmo que sobre o telhado da sua casa vejamos uma parábola.

Esta cosmovisão estabelece uma teia de relações interpessoais, rigidamente fixas, estereotipadas até à petrificação, que enreda labirinticamente quem quer que se recuse ou não saiba movimentar-se dentro desta cerca de arame farpado.

É evidente que a juventude actual não se encaixa exactamente em todos os parâmetros dos avós cuja memória guardam zelosamente, mas não há grandes desvios na estrutura mais profunda do modo de sentir, pensar e agir dos jovens da terra. Salvo raras excepções, a escolarização não mexe com o que é mais avoengo nas novas gerações. Mesmo a Universidade nem sempre tem o condão de modificar as fibras mais sensíveis do Alcochetano. Visitar um amigo que é engenheiro ou advogado e apercebermo-nos que, de gatas, brincava aos toiros com os filhos, não é facto que surpreenda!

**OS BOMBEIROS
DE ALCOCHETE**

ESTADO NASCENTE

«O Verdadeiro bombeiro voluntário esquece-se de si mesmo, da sua comodidade e bem-estar para se lembrar e cuidar do seu semelhante em caso de emergência e, quantas vezes, até dos irracionais; esforça-se por ser possuidor de uma conduta irrepreensível, impondo-se discretamente à consideração pública, para o que regula o seu procedimento, tanto no serviço como fora dele, pelos ditames da virtude e da honra e alia a um convicto desprezo pela sua vida um supremo espírito de bem servir a Humanidade.»

Guilherme Cossoul (1828-1880), grande músico, primeiro bombeiro voluntário de Lisboa e fundador da respectiva corporação (Companhia dos Voluntários Bombeiros).

PROPOSIÇÃO

Ao escrever um memorial sobre os Bombeiros Voluntários de Alcochete não é preocupação nossa fazer uma descrição exaustiva de factos, não porque os documentos escasseiam como também esse nunca seria o nosso propósito. Mas também não queremos que esta obra seja uma justaposição de tipo fac-símile, de legislação, actas, ofícios, etc.

Contactámos bibliotecas (Biblioteca Nacional de Lisboa e Hemeroteca Nacional) e encontramos literatura de várias associações de bombeiros dispersas por todo o País (folhetos, desdobráveis e pequenos cadernos), ouvimos pessoas e formulamos um juízo sobre a problemática dos bombeiros em Portugal, particularmente em Alcochete, reunindo um razoável acervo de dados que, tanto quanto nos for possível, tornaremos inteligível através do processo da escrita.

Embora consciente das limitações que temos, é nosso desejo levar a cabo esta obra que mostre ao povo alcochetano a grandiosa gesta da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alcochete.

ORIGENS DA LUTA CONTRA O INCÊNDIO

(...) Desde que o homem descobriu a forma de fazer fogo, logo teve de buscar o modo de extinguir os incêndios.

Foram os Hebreus e os Gregos que criaram os primeiros vigias nocturnos encarregados de efectuar rondas, dar alarme em caso de fogo e combatê-lo. Na antiga Roma, este uso foi conservado e desenvolvido, havendo os *triumviri nocturni* que asseguravam a polícia, durante a noite, contra malfeitores e davam o alerta em caso de incêndio. Em Portugal, a carta régia de D. João I, datada de 1395, estabelecia os vigias nocturnos e definia, para a extinção de incêndios, as missões dos carpinteiros de machado, mulheres para condução de água e ainda um serviço de polícia para evitar roubos que malfeitores, nessas ocasiões, sempre tentavam efectuar. A evolução do serviço conduziu, de acordo com a evolução da técnica, a maior presteza na chegada dos bombeiros aos locais e a processos mais eficientes de extinção, embora, em contrapartida, novos e enormes riscos tenham sido criados, com os grandes depósitos de líquidos inflamáveis, grandes fábricas de plásticos, armazéns para materiais combustíveis, utilização em longa escala de transportes aéreos, emprego de bombas incendiárias e atómicas, etc.

VOLUNTARIADO

A par dos serviços estaduais ou municipais de luta contra o incêndio, existiram desde longa data as corporações de voluntários (a *Companhia dos Voluntários Bombeiros* de Lisboa vem de 1868), cuja abnegação e heroísmo são proverbiais. Os seus componentes, recrutados em muitas classes sociais, têm prestado as mais concludentes provas de amor pelo próximo e de valor pessoal.

Passemos então a historiar a Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete.



O primeiro carro de Bombeiros

FUNDAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALCOCHETE

A primeira nótula que sai na imprensa sobre os Bombeiros Voluntários de Alcochete foi no mensário regionalista *A VOZ DE ALCOCHETE*, n.º 4, Ano I, (Outubro de 1948). Por ser tão importante, pois é o primeiro passinho dum grande percurso, devemos inseri-la no nosso arrazoado: «A Câmara Municipal de Alcochete vem por este meio convidar o Comércio, Indústria e Agricultura local e o povo do Concelho a comparecer no dia 31 do corrente, pelas 15 horas, nos Paços do Concelho, para assistir à reunião que nesse dia se efectuará com o objectivo de se constituir a Corporação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete. // Desde já se agradece a comparência de todos aqueles que, com a sua presença, virão demonstrar interesse pelo progresso da sua terra.»

Esta reunião realizou-se e a data de 31 de Outubro de 1948 foi escolhida para assinalar o dia da fundação, conforme rezam os próprios Estatutos no seu primeiro artigo: «Foi fundada na vila de Alcochete, em 31 de Outubro de 1948, uma Associação de carácter humanitário e duração ilimitada, denominada Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete.»

Aqui chegados, poderíamos formular a seguinte pergunta: o que fez precipitar esta tomada de decisão?

Segundo o próprio testemunho do Fundador Estêvão Nunes dado ao agente desta escrita, eram os Bombeiros Voluntários do Montijo (fundados no ano de 1906) que vinham a Alcochete, por força da lei vigente, garantir a segurança sempre que se realizava uma projecção de uma fita cinematográfica no então São João Cine, edifício que ainda existe com altas portas para o largo da Feira e Rua Comandante Sacadura Cabral. Esta situação teria sido a gota de água que demoveu o Sr. Estêvão Nunes a propor a ideia da criação de uma associação de bombeiros em Alcochete ao Administrador do Concelho, Sr. Rui de Sousa Vinagre, que lhe disse: «Então faça!».

REFERÊNCIAS

Não será despiciendo referir aqui algumas datas de fundação de corporações de bombeiros voluntários. Limitemo-nos a Lisboa e Porto.

Em Lisboa. – Voluntários de Lisboa: 1868; Voluntários da Ajuda: 1888; Voluntários Lisbonenses: 1910; Voluntários de Campo de Ourique: 1916.

No Porto. – Voluntários do Porto: 1875; Voluntários Portuenses: 1928; Voluntários da Invicta: 1928.

Como se pode ver por algumas das datas de fundação de grandes corporações de bombeiros voluntários das duas cidades mais importantes do País, a fundação, em 1948, dos Bombeiros Voluntários de Alcochete, terra digna mas pequena e de recursos parcos, não pode ser considerada tardia.

OS ESTATUTOS

Os *Estatutos dos Bombeiros Voluntários de Alcochete* foram assinados a 27 de Dezembro de 1948 por toda a Comissão Fundadora: Rui de Sousa Vinagre, João Lopes de Figueiredo, Manuel Gomes da Costa, Estêvão Pio Nunes, José Casimiro de Matos Coutinho, João Cordeiro Guerra e João Baptista Canteiro (sete ao todo). No entanto, convém salientar que os cinquenta primeiros indivíduos que se inscreveram também foram considerados sócios fundadores.

Mas só a 12 de Maio de 1949 é que os Estatutos hão-de ser aprovados e passado o respectivo alvará pelo Governador Civil do Distrito de Setúbal, Francisco Alberto Correia Figueira.

Curioso registar aqui que o total da despesa efectuada para aprovação do referido documento e obtenção do alvará foi de 67\$50 (sessenta e sete escudos e cinquenta centavos).

HESITAÇÕES

A Comissão Fundadora, em Março de 1949, através do jornal *A VOZ DE ALCOCHETE*, expressa alguma desilusão face aos fins propostos nestes termos: «Em Novembro último, foram enviadas cerca de 250 circulares a pessoas e entidades de Alcochete ou a ela ligadas por interesses ou por amizade solicitando-lhes a sua inscrição como sócio e um subsídio para a constituição da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários. // Até hoje, foram apenas recebidas 10 respostas, o que é, pelo menos na mais simples forma de dizer, muitíssimo pouco...» (n.º 9, Ano I).

Aqui, urge novamente que nos interroguemos. Por que motivo tão fracuada adesão das pessoas e grupos a uma «... instituição que é fundamentada em nobres sentimentos de solidariedade»? (*A VOZ DE ALCOCHETE*, ibidem) Impõe-se, portanto, uma interpretação de quem, ao fim e ao cabo, está a fazer História.

Estamos no auge do Corporativismo. As mínimas coisas, mesmo numa terra tão pequena e pacata como Alcochete, faziam-se à *imagem e semelhança* desse regime político, de cima para baixo, sem a participação viva da população. Esta, sentindo-se minorizada no seu inconsciente colectivo, não correspondia ao apelo.

Em Maio de 1949, no n.º 11, Ano 1 de *A VOZ DE ALCOCHETE*, a Comissão Fundadora lança um grito patético a todos os Alcochetanos: «Alcochetanos, tem pois já, legalmente constituída, a sua Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários. Agora falta o resto, ou seja, quase tudo... sede, material, instrução do corpo de Bombeiros, corpos gerentes, comandos, etc. etc.» Depois disto, só no n.º 69, ano VI, Março de 1954 do mensário *A VOZ DE ALCOCHETE* é que aparece nova referência aos Bombeiros.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Um despacho ministerial pôs termo a um «interregno» quase quinquenal da Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete. Com efeito, no número do jornal *A VOZ DE ALCOCHETE* já referido ao fim da rubrica imediatamente anterior, poder ler-se: «em 27 de Novembro findo foi nomeada por despacho de Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior uma Comissão Administrativa para a Associação dos Bombeiros Voluntários desta vila, Comissão que tomou posse no passado dia 8 de Janeiro do corrente ano» (1954). Numas linhas à frente do mesmo artigo ainda se lê: «sentindo-se a necessidade de dar impulso a uma ideia que parecia condenada a morrer, surge a actual Comissão Administrativa composta pelos Excelentíssimos Senhores Homero Lopes Trindade, João Cordeiro Guerra e Estêvão António de Oliveira a quem não falta boa vontade de fazer alguma coisa em prol de tão humanitária instituição».

Esta Comissão Administrativa começou a sua actividade sem quaisquer meios financeiros, mas em pouco tempo, por força das *démarches* do então Comandante Sr. Estêvão Pio Nunes, fardou-se e deu-se sólida instrução técnica a um corpo de bombeiros, adquiriu-se um transporte automóvel para pessoal, um estandarte, etc.

O PRIMEIRO MATERIAL

O primeiro material dos Bombeiros Voluntários de Alcochete, em conformidade com documentos que temos, foi uma moto-bomba, alguns lançadores de mangueiras, umas escadas e pouco mais, adquirido à custa de um subsídio concedido à Associação pelo Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios.

Verifica-se, portanto, que os Bombeiros de Alcochete ainda não podiam dar o cabal cumprimento ao disposto no segundo artigo, primeiro parágrafo, dos próprios Estatutos: «A Associação tem por fim criar e manter um corpo de bombeiros voluntários, socorrer feridos e doentes e a protecção, por qualquer outra forma, de vidas humanas e bens».

Mesmo assim, segundo testemunhos orais que registámos, em data que não conseguimos apurar, mas certamente no começo do segundo lustro dos anos cinquenta, correu muito bem o baptismo de fogo dos Bombeiros de Alcochete na propriedade do Sr. António Sena da Silva, a Soalheira, a meio caminho entre Alcochete e S. Francisco (estrada nacional 119).

ARRANQUE

Com verbas oriundas do Estado (Secretaria de Estado da Assistência Social), da Câmara Municipal de Alcochete e da Santa Casa da Misericórdia de Alcochete foram adquiridos em Agosto de 1955 um auto-pronto-socorro e uma auto-ambulância para serviços do Concelho.

Deste modo, o jornal *A VOZ DE ALCOCHETE*, n.º 94, Ano VIII, Abril/56, faz um balanço dos serviços prestados pela Corporação: «de 1 de Julho de 1955

a 31 de Março de 1956 foram efectuadas 225 guardas de prevenção contra o risco de incêndios em casas de espectáculos, totalizando 675 horas de serviço; de Agosto de 1955 a 31 de Março de 1956 foram realizadas 21 conduções de doentes e sinistrados aos hospitais, totalizando 83 horas de serviço, 2305 km percorridos e 247 litros de gasolina consumidos; de Agosto de 1955 a 31 de Março de 1956 foram feitas 2 saídas para socorrer a incêndios e outros sinistros, totalizando 22 km percorridos, 17 horas de serviço e 65 litros de gasolina gastos».

Convém não esquecer que estes números correspondem a factos de há 40 anos atrás!

A fim de avaliar as coisas de uma maneira mais ou menos correcta, saiba-se que por este tempo um subsídio de 17.500\$00 (dezassete mil e quinhentos escudos) dado aos bombeiros voluntários de Alcochete pelo Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios já foi considerado um verdadeiro maná caído do céu com direito a coluna a toda a altura no jornal *A VOZ DE ALCOCHETE* (n.º 113, Ano XI, Nov./58).

Fosse como fosse, as dificuldades iam sendo progressivamente superadas com o sábio aproveitamento de todas as migalhas. O povo alcochetano ia-se associando cada vez mais à sua instituição de bombeiros. Organismos estatais, a Câmara Municipal de Alcochete, a Santa Casa da Misericórdia de Alcochete, lavradores, industriais e comerciantes do Concelho... todos ajudavam. Assim, o apetrechamento da Associação foi-se ampliando. Conforme relata *A VOZ DE ALCOCHETE*, n.º 109, Ano XI, Jun/58, foram adquiridos um auto-pronto-socorro de reboque e uma automaca a juntarem-se ao material já existente e referido neste historial.

Deste modo, a Associação ia ganhando vulto com os seus bombeiros, o seu parque-auto e outro equipamento.

Entretanto, a Comissão Administrativa, nomeada pelo Sr. Ministro do Interior em 27 de Novembro de 1953 para a Associação dos Bombeiros

Voluntários de Alcochete e empossada, como já ficou dito, em 8 de Janeiro de 1954, vigorou até 15 de Novembro de 1958. A partir desta data, os Bombeiros de Alcochete vêm a sua primeira Direcção eleita, cujos membros passamos a referir: **Assembleia Geral** - *Presidente*, Rui de Sousa Vinagre; *Vice-presidente*, António Catalão Braga; *1.º Secretário*, Armando Jorge Lopes Trindade; *2.º Secretário*, Manuel Augusto Canário. **Direcção** - *Presidente*, António Antunes; *Vice-presidente*, Homero Lopes Trindade; *1.º Secretário*, Fernando Augusto dos Santos Trinca; *2.º Secretário*, João Baptista Carrão Júnior; *Tesoureiro*, João Baptista Seixal Júnior; *Vogais*, Francisco José Pinheiro Júnior e Nicolau José Augusto Ramos. **Suplentes** - João Baptista Atalaia Estêvão João Pio Nunes e José Júlio da Costa Júnior. **Conselho Fiscal** - *Presidente*, Dr. José Grilo Evangelista; *Vice-presidente*, João Lopes de Figueiredo; *Secretário-Relator*, Estêvão Atalaia; *Substitutos*, João Pereira Coutinho Leite da Cunha e Constantino Pinto Rodrigues.

De ora então aos dias de hoje são direcções eleitas pelos sócios que se têm sucedido umas às outras em conformidade com a lei geral e sem quaisquer sobressaltos. Por outras palavras, podemos dizer: a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alcochete atingiu a sua adultez.



ESTADO INSTITUCIONAL

A Instituição, se se opuser à ideia de Renovação, petrifica e morre.

OS ÓRGÃOS

Os órgãos da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Acochete são a Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal eleitos pelos sócios em Assembleia Geral. (Cf. o artigo 17.º dos Estatutos).

Na Assembleia Geral «... reside o poder supremo da Associação» (cf. o artigo 18.º dos Estatutos).

«A Direcção administra e representa, para todos os efeitos legais, a Associação» (Cf. o artigo 19.º dos Estatutos).

«O Conselho Fiscal inspecciona e verifica todos os actos administrativos da Direcção e vela pelo exacto cumprimento dos Estatutos e Regulamento da Associação (Cf. o artigo 20.º dos Estatutos).

OS ACTUAIS CORPOS GERENTES

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente - Carlos Manuel de Oliveira Santos

Vice-Presidente - Cândido Crispim Ferreira Lavrado

1.º Secretário - João Domingos Pinto César

2.º Secretário - Victor Marques Monteiro

Suplente - José Luís Alfélua

CONSELHO FISCAL

Presidente - Ângelo José Tomé

Vice-Presidente - João Ladislau de Matos

Secretário - Carlos Luís Garcia

Relator - Gonçalo Carvão Nini

1.º Suplente - Adriano Fernandes

2.º Suplente - António José Gonçalves Pereira

DIRECÇÃO

Presidente - Abel Mendes Gomes

Vice-Presidente - Fernando José Martins

1.º Secretário - António Rodrigues Lopes

2.º Secretário - Manuel Joaquim Damiães

Tesoureiro - Anacleto Osório Queimado

Vogal - Francisco Giro Augusto

Vogal - Joaquim Teresa Camacho

Suplente - António Guerreiro Marques

Suplente - José António Brito Saúde

Suplente - José Rodrigues Moço



Alguns membros da actual Direcção

OS SÓCIOS

O artigo 3.º dos Estatutos, o primeiro que fala sobre os sócios, é do seguinte teor: «Podem ser sócios da Associação todos os indivíduos maiores de 18 anos que tenham bom comportamento moral e civil».

Os sócios da Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete, ao momento da escrita deste historial, sem excluir os passivos, são 3370, o que se pode considerar muito bom se tivermos em conta que a população do Concelho é de 12/13 mil habitantes.

A cota mínima é de 1200\$00 (mil e duzentos escudos) ano, fonte de receita que fica muitíssimo aquém dos avultados gastos suportados pela Instituição.

De facto, o *Boletim Municipal*, Ano XVII, Abril, n.º 111, 1996, informa: «A Associação dos Bombeiros tem encargos mensais superiores a 1000 contos, entre os quais se destacam os vencimentos dos administrativos e 4 bombeiros a tempo inteiro, prémios ainda que simbólicos aos restantes voluntários (que recebem 2.500\$00 por dia, quer façam 8 ou mais horas), a manutenção das viaturas e o pagamento do gasóleo, ficando de fora despesas adicionais como a compra de fardamento (custa 311 contos) ou de cerimónia (4.000 contos)».



*1.º Comandante
Estêvão Pio Nunes*

O PRIMEIRO CORPO DE BOMBEIROS



*1.º Ajudante de Comandante
Estêvão Caetano*

Fazer a lista completa dos nomes exactos de todos os homens que pertenceram ao 1.º Corpo de Bombeiros em Alcochete não é tarefa fácil porque a documentação útil é pouca!

Depois de consultados vários bombeiros veteranos, avançamos com os nomes que receberam confirmação unânime:

*António Cafum
António Capela
António Peralta
António Pinelas
António Taru
Carlos Caramelo
Estêvão Caetano
Estêvão Nunes
Francisco Chefe
Francisco Labreca*

*Francisco Oleiro
João Maria Rei
José Cavilhas
Luís Pardal
Luís Sequeira
Manuel Boeiro
Manuel Peralta
Manuel Ruço
Vladimiro Oleiro*

Estes homens, há mais de quarenta anos atrás, sem desmérito nenhum perante os actuais bombeiros, foram heróis de uma gesta sobre-humana por terem superado condições extremamente adversas no cumprimento do dever com prejuízo das próprias vidas particulares.

O PRIMEIRO SERVIÇO DE AMBULÂNCIA A LISBOA

O primeiro serviço de ambulância a Lisboa fez-se em Agosto de 1955 (no decurso das Festas do Barrete Verde e das Salinas) para levar ao hospital de S. José dois cocheiros do Cavaleiro Manuel Conde acidentados na Praça de Toiros de Alcochete.

O condutor foi Manuel Peralta e acompanharam o Comandante Estêvão Nunes e o Ajudante de Comando Estêvão Caetano. Partiram de Alcochete às 11h00, fizeram boa viagem até Lisboa (pela ponte Marechal Carmona em Vila Franca), esperaram que os sinistrados fossem assistidos e trouxeram-nos de volta.

Segundo o testemunho do Ajudante de Comando na altura, Sr. Estêvão Caetano, «*tudo correu bem*».





Luís Caetano Pintado, actual Comandante

CONSTITUIÇÃO ACTUAL DO CORPO DE BOMBEIROS

O corpo de Bombeiros Voluntários de Alcochete é constituído por 1 Comandante, 1 Ajudante de Comando, 1 Ajudante de Comando Equiparado, 1 Chefe, 2 Subchefes, 4 Bombeiros de 1.^a Classe, 8 Bombeiros de 2.^a Classe, 22 Bombeiros de 3.^a Classe, 31 Aspirantes, 6 Cadetes, 2 Auxiliares de Motorista e 12 Auxiliares, num total de 91 efectivos.

Esta listagem de pessoal consta num documento dirigido à Inspeção Regional de Bombeiros de Lisboa e Vale do Tejo a 17/07/96.

REGULAMENTO INTERNO

O bombeiro Luís Caetano Pintado, actual Comandante Interino, é o grande promotor do Regulamento Interno do Corpo de Bombeiros Voluntários de Alcochete.

O Sr. Luís Pintado foi tirar um curso sobre Processos Disciplinares à Escola Nacional de Bombeiros. Aí consciencializou-se da necessidade urgente de um Regulamento Interno para os Bombeiros de Alcochete. Com a ajuda de dois juristas do Serviço Nacional de Bombeiros, tendo em atenção todos os Decretos e Portarias pertinentes ao trabalho a que se propunha, Luís Pintado elaborou o articulado deste Regulamento Interno e submeteu-o ao parecer da Direcção que foi favorável, «... pois em nada contraria os Estatutos da Associação» (em ofício da Direcção ao Comandante dos Bombeiros Voluntários de Alcochete, 2/03/96).

De seguida o documento foi enviado ao Serviço Nacional de Bombeiros, cuja Direcção o aprovou a 22/5/96 (Acta n.º 14/96).

É assim o artigo 1.º do Regulamento Interno: «O Corpo de Bombeiros criado e mantido pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alcochete, constituído por duas secções, tem por fim actuar na prevenção e extinção de incêndios, prestar socorro a feridos e doentes, proteger no âmbito da sua capacidade de intervenção a vida e os bens dos cidadãos».

O PARQUE-AUTO

No momento em que este historial está a ser elaborado, os recursos materiais são os seguintes: **SERVIÇOS DE INCÊNDIO** - 2 pronto-socorro ligeiros; 3 pronto-socorros médios; 1 pronto-socorro pesado; 1 autotanque pesado; 1 motobomba rebocável. **SERVIÇOS DE SAÚDE** - 2 transportes com pessoal ligeiro; 2 automacas de transporte, 4 automacas de socorro.



Os nossos Bombeiros no combate a um incêndio

PREVENÇÃO PARA OS OUTROS E COM OS OUTROS

Os Bombeiros de Alcochete não se preocupam só com o combate ao fogo, mas também com a prevenção, porque é quando esta falha que o incêndio ocorre.

Por prevenção entende-se toda a sensibilização que é feita perante a população para impedir que surjam fogos. Assim há que saber como empregar os agentes extintores (água, espumas, dióxido de carbono, pó químico, etc.); como escapar a um incêndio (não voltar atrás para ir buscar quaisquer objectos) e como avisar os Bombeiros (informar com calma e precisão o local de incêndio, juntando pontos de referência, designando a natureza do edifício, etc.)

Para serem alcançados satisfatoriamente estes objectivos e outros, seria de reconsiderar e *estudar* a ideia de um **jornal** (desejo antigo) editado pelos Bombeiros Voluntários de Alcochete e distribuído gratuitamente à população para prevenir esta sobre múltiplos cuidados a ter em matéria de segurança, à semelhança do que fazem, por exemplo, os Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António.

UM VERDADEIRO SERVIÇO NO ÂMBITO DA PROTECÇÃO CIVIL

O bombeiro está vocacionado para salvar as pessoas e preservar os patrimónios.

Claro que o transporte de doentes representa a maioria dos serviços efetuados, mas o bombeiro, para além do combate ao fogo, acorre a inundações, naufrágios, salvamento de animais, derrocadas de terra, fecho de águas, abertura de portas, fugas de gás, etc.

Em Alcochete, o que se faz no âmbito da Protecção Civil é obra dos seus Bombeiros Voluntários.

Entretanto, ouvem-se vozes a defender que se crie, pelo menos, uma Comissão Municipal dos Serviços de Protecção Civil a trabalhar em estreita colaboração com os Bombeiros, à semelhança do que se pratica noutros concelhos.

ALGUMAS DISTINÇÕES AOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALCOCHETE

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete tem sido distinguida ao longo do tempo por várias Instituições como: Associação de Beneficência «Serviço Voluntário de Incêndios» de Cacilhas (Diploma de Dedicção e Amizade em 22 de Junho de 1958); Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Luandenses (Diploma de Sócio Honorário a 5 de Setembro de 1966); Aposento do Barreto Verde (Diploma de Sócio Honorário em 10 de Agosto de 1975).

Pelo *Boletim Municipal*, Ano II, n.º 11, Set./Out., 1981, tomámos conhecimento que a Liga dos Bombeiros Portugueses concedeu «...à Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete a Medalha de Ouro de duas Estrelas...»

Ainda pelo mesmo *Boletim Municipal*, Ano III, n.º 5 Jun./Jul., 1982, ficámos a saber: «Por todo o trabalho desenvolvido e certa de que muito mais se irá desenvolver, a Câmara deliberou atribuir a esta Associação Humanitária a Medalha do Concelho.»

ACTIVIDADES CULTURAIS

O segundo parágrafo do artigo 2.º dos Estatutos dos Bombeiros Voluntários de Alcochete diz que a Associação «pode também promover festas e sessões culturais e exercer qualquer outra actividade conducente à melhor preparação intelectual e moral dos seus associados».

O n.º 2 do artigo 53.º dos mesmos Estatutos refere que «constituem receita da Associação os rendimentos provenientes das festas promovidas pela Direcção ou qualquer grupo de associados devidamente autorizados por esta».

Nesta conformidade, a Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete sempre promoveu, ao longo de quase meio século da sua existência, corridas de toiros (cf., verbi gratia, *A VOZ DE ALCOCHETE*, n.º 109, An.º XI, Jun./1958), cursos carnavalescos (1982/83), exposições (verbi gratia: 1986), etc.

Merece ser referido à parte o *baile* porque este divertimento durante décadas foi uma constante na vida dos Bombeiros Voluntários de Alcochete.

Por exemplo, a 12 de Março de 1983 (um sábado), às 21h30, realizou-se um «grandioso baile» abrilhantado pelo «famoso conjunto» *AFROU BAN* na Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898 com «*esmerado serviço de bar*» em homenagem aos bombeiros que fizeram exame para 3.ª classe. O folheto donde estes apontamentos foram tirados, terminava assim: «**Não falte! Ajuda os Bombeiros da tua terra porque ajudando os Bombeiros ajudas-te a ti próprio!**»

EXPOSIÇÕES SOBRE PREVENÇÃO DE ACIDENTES E SEGURANÇA

O Bombeiro de 1.^a classe Mário Reis foi o grande impulsionador de uma exposição sobre *prevenção de acidentes* (Jan./1986) realizada no Quartel dos Bombeiros por altura da **Semana de Segurança** promovida a nível nacional pela Liga e Serviço Nacional de Bombeiros.

Mário Reis, mais alguns colaboradores, começou por se dirigir às Direcções Gerais (Higiene e Segurança do Trabalho, Segurança das Estradas, Prevenção Rodoviária, Florestas, etc.), pedindo material didáctico para distribuir nas escolas com o intuito de sensibilizar as crianças para a *prevenção de acidentes*.

De seguida, Mário Reis percorreu os estabelecimentos de ensino básico de todo o Concelho (Alcochete, Samouco, S. Francisco, Entroncamento, Barroca d'Alva, Passil, etc.), distribuindo o material cedido pelas referidas Direcções-Gerais que incluía projecções de filmes e *slides* (combate com água a fogos em tanques com gás; ataque a incêndios em terminais de carga; conceito estratégico na luta contra o fogo e outros).

Depois desta campanha, as crianças foram solicitadas a desenharem sobre as mais variadas normas de segurança: desenhos que inspiravam cuidados a ter com *skates*, patins, bicicletas; com o uso de venenos, remédios e detergentes; com intoxicações e explosões; com o manejo correcto de ferramentas; com a utilização segura de facas e outros objectos cortantes; com o fogo e electricidade; com a cautela nas praias, etc.

De todas as escolas do Concelho apareceram na sede dos Bombeiros largas centenas de desenhos, a cores e de vários tamanhos, base de uma gigantesca exposição que até hoje muitos não esqueceram.

No dia do encerramento da exposição, 21 de Março (dia Mundial da Floresta), com a comparência do Presidente da Câmara, Sr. Miguel Boeiro, outros

vereadores e muitos professores do Concelho, foi distribuída a cada um dos circunstantes uma pequena árvore para plantar que previamente Mário Reis tinha pedido à Direcção-Geral das Florestas.

No ano seguinte, 1987, nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Alcochete, Mário Reis, congregando esforços, deu novo contributo à divulgação da actividade bombeirística através de outra exposição de material de combate a incêndios, de prevenção e segurança.



A FANFARRA E A SECÇÃO DESPORTIVA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALCOCHETE

A Fanfarra foi fundada, com apoio do Comando, pelo Sr. Aníbal Pinto (instrutor) em 1966, começando com seis elementos: Srs. José Júlio Ferreira, Carlos Cafum, Carlos Manuel Rodrigues, Caetano Chefe, José César e o mencionado instrutor.

De começo, no que diz respeito a instrumentos, haveria pouco mais do que 1 bombo, 1 timbalão, 2 caixas e 2 clarins.

Ao longo dos anos a Fanfarra foi-se desenvolvendo, sendo os Srs. Jorge Ramos e os já referidos José Júlio Ferreira e Caetano Chefe alguns dos instrutores que foram estando à frente deste grupo de instrumentos metálicos.

Nos últimos 10 anos a Fanfarra tem sido dirigida pelo Bombeiro de 1.^a classe, Sr. Delfim Leitão.

Embora nos treinos as comparências variem entre 20 a 30 elementos, hoje a fanfarra tem 47 instrumentos: 1 guião, 2 bombos, 1 par de pratos, 3 timbalões normais, 6 timbalões de tarola, 4 caixas de tarola, 9 caixas de guerra, 19 clarins e 2 requintas.

Em ofício dirigido aos Bombeiros Voluntários de Sesimbra, n.º 48/96, datado de 30/04/96, pode ler-se a dado passo: «... tem esta Fanfarra feito vários desfiles pelo País, entre os quais se salienta o desfile em Cascais em que a nossa Fanfarra ficou em 2.º lugar.»

Os Alcochetanos já estão familiarizados com a Fanfarra dos Bombeiros a atroar as ruas nas noites de Verão, todos alinhados, movimentos compassados, cada um a tocar com galhardia o seu instrumento.

Outra ambição a ganhar cada vez mais corpo é a Secção Desportiva, cujos mecanismos se estão a desencadear no presente para que a referida Secção se

concretize em pleno. As modalidades que esta Secção Desportiva visa sobretudo no futuro são: Futebol de 7 e Ténis de Mesa.

Nesta conformidade, estão mesmo já planeados encontros de confraternização entre as Corporações do Comando Operacional de Setúbal Leste. Cada equipa será composta, *fifty-fifty*, por bombeiros veteranos (passado) e bombeiros jovens (futuro) a fim de que desta simbiose de elementos diferentes surjam vantagens para todos.

Já o *Boletim Municipal*, Abril, n.º 111, Ano XVII, 1996, dava fé da importância da Fanfarra e Secção Desportiva dos Bombeiros Voluntários de Alcochete: «Com a consciência de que é inestimável o esforço e o trabalho desenvolvido por um bombeiro voluntário e que o voluntariado é cada vez mais raro, os Bombeiros estão a dar mais atenção à existência de uma Fanfarra com elementos mais jovens e à criação de uma Secção de Desporto, de modo a cativar os jovens (...)»



A TRAGÉDIA NOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALCOCHETE

A 19 de Maio de 1989, o Comandante Casimiro Galo e os Directores João Matias e Joaquim Gamito deslocaram-se a Famalicão para verificarem o andamento dos trabalhos de uns carros normais, em transformação para ambulâncias, propriedade dos Bombeiros Voluntários de Alcochete.

Na passagem do dia 19 para 20 de Maio, à entrada de Rio Maior, os elementos da Corporação mencionados tiveram um trágico acidente, cuja nefasta consequência foi a morte do Comandante Galo e do Director João Matias. O Director Joaquim Gamito salvou-se em boa hora, mas ficou gravemente ferido, dando entrada de imediato no hospital de S. José (Lisboa).

As urnas dos falecidos chegaram de Rio Maior a Alcochete na tarde desse dia 20 (um sábado) por volta das dezoito horas. A sirene dos Bombeiros consertava dolorosamente toda a vila com um som fúnebre e ininterrupto. Os dois corpos estiveram em câmara ardente no quartel dos Bombeiros sempre apinhado de gente durante a longa noite. No dia seguinte toda a população de Alcochete, trespassada pela dor, debaixo do som lancinante da sirene, acompanhou o conterrâneo querido João Matias ao talhão dos Bombeiros no cemitério municipal. Tinha 46 anos!

O Comandante Galo foi sepultado no cemitério do Pinhal Novo onde os Bombeiros de Alcochete também vão em romagem todos os anos, a 1 de Novembro, homenagear a memória do saudoso colega.

SERVIÇOS EFECTUADOS NOS ANOS DE 1995 E 1996

Os mapas de serviços efectuados nos anos de 1995 e 1996 mostram bem a capacidade actual dos Bombeiros Voluntários de Alcochete para acudir a fogos, acidentes, urgências, consultas e tratamentos, etc.

Da ingente actividade dos nossos bombeiros nos dois últimos anos, apenas deixamos aqui alguns totais por nos parecer desaconselhável um registo exaustivo de horas, quilómetros, serviços e homens neste historial.

Assim, no ano de 1995, no combate a 105 incêndios, foram despendidas 255 horas e percorridos 3.504 quilómetros; no socorro a 148 acidentes foram despendidas 112 horas e percorridos 3.636 quilómetros; em 1214 urgências foram despendidas 2.395 horas e percorridos 20.157 quilómetros; em 4.396 consultas e tratamentos foram despendidas 4.836 horas e percorridos 154.618 quilómetros.

No ano de 1996, no combate a 119 incêndios, foram despendidas 191 horas e percorridos 3.292 quilómetros; no socorro a 196 acidentes foram despendidas 288 horas e percorridos 4.102 quilómetros; em 1.308 urgências foram despendidas 1.685 horas e percorridos 31.285 quilómetros; em 4.736 consultas e tratamentos foram despendidas 7.727 horas e percorridos 160.120 quilómetros.

Comparem-se estes números com os de há 40 anos atrás, referidos na primeira parte desta resenha histórica (**Estado Nascente**, rubrica *Arranque*) e veja-se a diferença na volumetria de serviços!

APOIOS

No *Boletim Municipal*, n.º 100, Ano XVI, Maio/1995, lê-se no parágrafo final de um artigo sobre o novo quartel dos Bombeiros: «A Câmara Municipal apoia substancialmente a actividade dos soldados da paz, atribuindo anualmente um subsídio (...), para além de apoios financeiros pontuais (...). Os Bombeiros têm apoio financeiro (...) do Estado Português, através do Serviço Nacional de Bombeiros (...), para além dos apoios no reforço da frota automóvel por parte de entidades concelhias, nomeadamente da Junta de Freguesia de Alcochete e Santa Casa da Misericórdia».

Um ano depois, no *Boletim Municipal*, Abril n.º 111, Ano XVII, 1996, ainda se escreve o seguinte sobre esta matéria: «(...) a corporação (...) recebe (...) trimestralmente cerca de 300 contos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (...), para além do Serviço Nacional de Bombeiros reembolsar a Corporação, quanto às participações para a Segurança Social».

Algumas instituições, nomeadamente os hospitais, pagam com grande atraso ou nem sequer pagam o que devem aos Bombeiros. Se assim não fosse, a situação financeira da Associação seria um pouco mais desafogada.

BOMBEIROS DO SEXO FEMININO

A ideia de que o exercício da actividade do bombeiro tem momentos difíceis para o sexo feminino não pode colher crédito no limiar do século XXI e 3.º milénio.

Neste momento, o corpo feminino nos Bombeiros Voluntários de Alcochete é reduzido, mas com a construção do novo quartel prevê-se que a melhoria de condições possa atrair mais jovens do sexo feminino.

Há todo o interesse que a sociedade não venha a despertar para a ideia de que os Bombeiros são uma Instituição androcêntrica, tudo se devendo fazer para que o número de mulheres nos quartéis cresça cada vez mais.

Por outro lado, as mulheres, devido à continência disciplinar ao *belo sexo*, têm o condão de morigerar alguns hábitos menos recomendados nos homens, reforçar o espírito de união entre os bombeiros e aumentar a sua competitividade.

Este é um caminho para se tornar as Associações de Bombeiros em Instituições plenas, onde acima de homens e mulheres está a pessoa.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS



O NOVO QUARTEL PARA SABER MAIS E SERVIR MELHOR

Não seria admissível que um voluntário se apresentasse num quartel de bombeiros e no mesmo dia pudesse vestir uma farda e combater um fogo. Convém uma preparação prévia que, embora básica, tem que ser exigente.

Um bombeiro tem que aprender correctamente a subir e descer escadas e familiarizar-se com todas as técnicas de «salvados» (utilizar automacas e retirar feridos de incêndios, automóveis, barcos, etc.).

Por outro lado, os bombeiros têm que saber minimamente lidar com matérias ligadas à electricidade, mecânica, gás, fecho de águas, abertura de portas, etc.

Para além de uma boa preparação física (*mens sana in corpore sano*) e um bom carácter, o voluntário tem que aprender a controlar as emoções, condição *sine qua non* para que seja um bombeiro competente.



O NOVO QUARTEL PARA SABER MAIS E SERVIR MELHOR

Não seria admissível que um voluntário se apresentasse num quartel de bombeiros e no mesmo dia pudesse vestir uma farda e combater um fogo. Convém uma preparação prévia que, embora básica, tem que ser exigente.

Um bombeiro tem que aprender correctamente a subir e descer escadas e familiarizar-se com todas as técnicas de «salvados» (utilizar automacas e retirar feridos de incêndios, automóveis, barcos, etc.).

Por outro lado, os bombeiros têm que saber minimamente lidar com matérias ligadas à electricidade, mecânica, gás, fecho de águas, abertura de portas, etc.

Para além de uma boa preparação física (*mens sana in corpore sano*) e um bom carácter, o voluntário tem que aprender a controlar as emoções, condição *sine qua non* para que seja um bombeiro competente.





Assinatura da adjudicação do novo Quartel dos Bombeiros

O MONUMENTO AO BOMBEIRO

Faz parte dos propósitos da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Alcochete levantar um monumento ao bombeiro a situar-se na área onde está implantado o novo quartel.

A tipografia Gonçalves & Henrique, Lda., fez seis sugestões para o monumento ao bombeiro, cada uma delas convertida em postal. A saber: o bombeiro com um menino ao colo; o bombeiro a subir uma escada apoiada num ramo de uma árvore para salvar um animal; depois há mais três postais que representam o bombeiro com uma mangueira nas mãos em diferentes posições; o sexto postal é o bombeiro quase em sentido, com capacete, luvas, fato de resistência ao fogo e botas.

O *Boletim Municipal*, Ano XVII, Dez./1996, n.º 118, sob o título «**BOMBEIROS RECOLHEM FUNDOS PARA MONUMENTO**», traz a seguinte informação: «A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alcochete solicita a divulgação de que a recolha de fundos nas ruas 25 de Abril e António Santos Gonçalves, em Alcochete, para a construção do *Monumento ao Bombeiro*, rendeu 17.205\$00.»

O NOVO QUARTEL

Ao mesmo tempo que em 1981 se pensava na ampliação do quartel dos Bombeiros Voluntários de Alcochete sito na Rua do Mercado, reconhecia-se a urgência de um novo quartel imprescindível ao digno progresso e desenvolvimento da Corporação.

De facto, no *Boletim Municipal*, Ano II, n.º 7, Jan./Fev., 1981, pode ler-se: «A Câmara e a Direcção da Associação estão a encetar esforços para que fique definida a localização do novo quartel e a partir daí criarem-se as condições para a construção definitiva.»



O novo quartel em construção

Entretanto, em 1982, ano em que se concluem «... as obras de ampliação e beneficiação do (...) quartel e sede social...» (Cf. *Boletim Municipal*, Ano III, n.º 5, Jun./Jul., 1982), os Srs. Francisco José da Silva e Augusto José Barriana da Silva doam à Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete um terreno sito na Avenida da Restauração para a construção de um novo quartel. Logo a 29 do mês de Maio daquele ano se coloca no local referido a primeira pedra do novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Alcochete.

No *Boletim Municipal*, n.º 44, Ano VIII, Maio/Jun., 1987, insistia-se: «O actual quartel é muito pequeno, não tendo condições para guardar as viaturas da Corporação e encontra-se mal localizado no centro da vila. *Os Bombeiros dispõem de um terreno situado numa zona desafogada e apropriada para a edificação de um novo quartel. O respectivo projecto estará concluído no primeiro trimestre de 1988*».

Dois anos mais tarde, no *Boletim Municipal*, Ano X, Out./89, n.º 62, a população em geral toma conhecimento que a Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete «... solicitou a integração do projecto no PIDDAC a fim da obra ser comparticipada pelo Orçamento do Estado.»

Depois, só em 1994 é que volta a aparecer informação substantiva sobre o novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Alcochete no *Boletim Municipal* (Ano XV, Jul./Agosto, n.º 93). Sob o título «**Quartel dos Bombeiros Voluntários ficará situado junto à Coophabital**», informa-se a população do seguinte: «*O futuro quartel dos Bombeiros Voluntários de Alcochete ficará situado em terreno da Coophabital, mesmo ao lado do Centro de Saúde que está também previsto construir-se naquela zona.*» // O Executivo Municipal aprovou, por unanimidade, aquela decisão em Junho, remetendo proposta para apreciação da Assembleia Municipal. // Trata-se de uma decisão consensual entre as partes envolvidas: Município, Associação dos Bombeiros Voluntários e Coophabital. // O quartel será construído num espaço com 5230 metros quadrados a ceder pela Coophabital, desfrutando das vantagens de se situar

junto à futura radial de Alcochete, estar próximo do novo Centro de Saúde, da Praia dos Moinhos e ser de fácil acesso.// (...) Apesar de ser uma obra da inteira responsabilidade do Governo, a Câmara Municipal suportará ainda a elaboração do projecto e 40% do custo da construção do quartel.// (...) *Com a inclusão no Orçamento de Estado (PIDDAC) para 1994 e 1995 de dotações financeiras para a construção do quartel em Alcochete, surgiu com acutilância a questão de se saber se, passados 10 anos, a Avenida da Restauração se mantinha como a melhor opção em termos do correcto ordenamento do território.// A resposta dos técnicos foi negativa, atendendo a que o referido terreno se situa presentemente «na zona de maior expansão e maior densidade urbanas» de Alcochete e junto a uma «via que apresenta hoje um congestionamento considerável». Acresce ainda a necessidade de ser necessário que o Município acautele a localização de novos estabelecimentos de ensino, sendo factor determinante a proximidade à Escola C+S de Alcochete.*

Finalmente, no *Boletim Municipal*, Ano XVII, Abril, n.º 111, 1996, sob o título **Bombeiros Avancam na Construção do Quartel**, diz-se o seguinte aos munícipes: «A Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete assinou, a 19 de Abril, o contrato de adjudicação à Empresa Lourenço, Simões & Reis, Lda., por 129 mil contos, para construção em 12 meses do futuro quartel dos Bombeiros (...). // O novo quartel será pago pela Câmara Municipal de Alcochete e pelos cofres do Estado, através da Direcção-Geral de Ordenamento do Território (...).

Tal como se tornou público junto da obra, a comparticipação do Estado (60%) é de 77.419.813\$00 e a comparticipação da Câmara Municipal de Alcochete (40%) é de 51.613.208\$00.

O novo quartel terá garagens, arrecadações, bar, sala de convívio para os bombeiros, casa-escola (torre de 4 pisos para o treino físico dos bombeiros), sala de aulas (preparação teórica), salão polivalente, secretaria, biblioteca-museu, posto médico, etc.

O posto médico (tentar-se-á criar as condições para que funcione as 24 horas), com sala de espera, consultório e sala de tratamentos, ficará equipado convenientemente a fim de oferecer serviços aos associados e população em geral no âmbito da saúde. Este objectivo visa contribuir para a rentabilização das novas instalações e será assegurado mediante acordos com vários médicos e enfermeiros.



O TESTEMUNHO DO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO SR. ABEL GOMES

Ao tomar posse em Fevereiro de 1993, esta Direcção assumiu o compromisso com a Associação e Corpo de Bombeiros de dar continuidade ao trabalho iniciado pela Direcção anterior no que diz respeito à recuperação económica, saldando todas as dívidas que esta Instituição tinha em atraso, pois impediam um normal funcionamento da mesma.

Em termos futuros, havia que dar início ao processo de candidatura para apoio à construção de um quartel para o Corpo de Bombeiros, pois o terreno para esse efeito já tinha sido doado a esta Associação há vários anos pelo Sr. Francisco José da Silva e Sr. Augusto José Barrigana da Silva, grandes beneméritos desta Associação, já que se não fosse a doação do terreno, provavelmente mais difícil seria a construção do quartel.

Ao fim de três anos de mandato e ao analisarmos o aspecto do voluntariado, facilmente chegamos à conclusão que as exigências levam a cada momento o voluntariado tanto de dirigentes como de bombeiros a diminuir e só não acontecerá se o País der melhores condições tanto económicas como de meios para que as Associações façam frente às solicitações da vida actual. Caso contrário, se os dirigentes forem transformados em pedintes permanentes, cada dia que passa será mais difícil motivar pessoas para tomarem a responsabilidade de uma Associação deste tipo.

Acabamos com umas perguntas: que milhões movimenta a protecção civil? Para quê? Onde está?

A nível do Concelho de Alcochete não sabemos o que é isso!

COMEMORAÇÕES DE ANIVERSÁRIOS

No *BOLETIM MUNICIPAL*, n.º 83, Nov./Dez., Ano XIII . 1992, sob o título «**Bombeiros Festejaram Aniversário**», lê-se a seguinte nota: «Autas do Concelho, incluindo o Presidente da Câmara Municipal, participaram nas diversas iniciativas que assinalaram o aniversário da Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete, a 31 de Outubro último». Era o 44.º aniversário.

Dois anos depois, no dia 30/10/94, comemorou-se o 46.º aniversário dos Bombeiros de Alcochete: astearam-se as bandeiras, desfilou-se pelas ruas da vila, receberam-se as entidades convidadas, condecoraram-se bombeiros, houve almoço de confraternização, discursos e distribuição de medalha comemorativa.

Em 1996, no *Boletim Municipal*, n.º 116, Outubro, Ano XVII, sob o título «**Bombeiros Aguardam Inauguração do Quartel**», segue-se uma pequena informação que se enquadra neste tema: «A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alcochete decidiu adiar por motivos económicos a comemoração oficial do seu aniversário, festejado a 31 de Outubro, para concentrar os seus esforços na inauguração condigna do novo Quartel dos Bombeiros Voluntários, prevista para 1997».

EXCURSO

No decurso da vida já tão longa que tem a Corporação, não negamos a existência de alguns factos menos positivos aqui, acolá e além. No entanto, *ab initio*, foi nosso propósito *ignorar* absolutamente aqueles que em vez de servirem os outros, se servem a si próprios. Destas ovelhas transviadas, cujo *pensamento* está só no próprio umbigo, infelizmente, não há Instituição nenhuma que ficasse imune. Mas a História dos Homens nada lhes deve!

De tudo o que ficou dito, se conclui que, globalmente, a Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcochete, para lá de todas as vicissitudes, soube **lutar** contra os interesses mesquinhos e impor-se ao respeito das suas congéneres.

Eis porque um velho pescador e bombeiro já cego, a arrastar penosamente os pés pelo chão duro que pisava, agarrado ao meu braço direito, me segredava com os lábios colados ao ouvido: «medrado e satisfeito nunca/ antes escravo de escravos/ mas senhor do meu grito/ a construir pirâmides/ ou do alto da cruz.»

**PRINCIPAIS TESTEMUNHOS ORAIS
SOBRE OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
DE ALCOCHETE ABORDADOS
PELO RESPONSÁVEL POR ESTE HISTORIAL**

Srs. **Estêvão Nunes** (o primeiro Comandante dos Bombeiros), **Homero Trindade** (Presidente da Comissão Administrativa), **António Antunes** (o primeiro Presidente de Direcção eleito), **Mário Reis** (Bombeiro de 1.^a classe), **Luís Pintado** (Comandante do actual Corpo de Bombeiros), **Estêvão Caetano** (ex-Ajudante de Comando), **Abel Gomes** (Presidente da actual Direcção e Secretário da Assembleia Geral da Federação dos Bombeiros do Distrito de Setúbal), **António Lopes** (1.^o Secretário da actual Direcção), **Joaquim Gamito** (ex-Director).



Francisco José da Silva



Augusto José Barrigana da Silva

FUTURO

O passado foi-se, o presente vai-se, estamos no futuro.

O único tempo que existe e podemos controlar é o futuro, ao contrário do senso comum que o considera uma incógnita por preferir o conforto do lava-mãos e poupar-se ao esforço de vencer a inércia.

O futuro é o único tempo que existe porque o nosso desejo apenas se realiza no devir. Ora se o futuro é uma incógnita, o nosso desejo é inútil porque não vale a pena desejar, quer dizer, o futuro é negado, o que é inaceitável por ser absurdo.

Se o futuro é o único tempo que existe, é o único que está sob o nosso controlo. Seremos amanhã o fruto do nosso desejo, desde que não cruzemos os braços e não sejamos arrogantes.

O BOMBEIRO, SOLDADO DA PAZ

O Pacifismo é um movimento religioso: fala da paz em si, sem atacar a causa principal da guerra que é o militarismo, fomento de todos os conflitos entre os homens no passado e presente.

Face à onda antimilitarista no mundo hodierno, ao grito lancinante que se faz ouvir por toda a parte a exigir a resolução dos problemas sociais e à inexorabilidade de ditames económicos, tende a diminuir o corpo humano dos exércitos que caminham a largos passos para a profissionalização.

De facto, cada vez mais se vê, sobretudo através dos *media*, que povos de todas as latitudes se levantam contra o militarismo, anatematizando-o sem complacências. O cidadão do Mundo quer paz para aprender, crescer, servir o outro cidadão.

Nesta conformidade, o verdadeiro fardado de amanhã é o que faz a paz, não a guerra (*pacem facere, non bellum*). Esta tarefa ingente, obra do futuro para grandes soldados, está reservada pelos ventos da História ao Bombeiro.

Claro que o Bombeiro de amanhã pertencerá a instituições que se regerão por normas algo diferentes das de hoje, mas na frontaria de todos os quartéis de bombeiros se desfraldará para todo o sempre a bandeira da generosidade que entre nós, desde Guilherme Cossoul, tem sido divisa.

O BOMBEIRO DE AMANHÃ, OBREIRO DO REINO DA BONDADÉ NO MUNDO

Há quem pense que fazer uso da inteligência é ser agressivo: tudo vale em nome da eficácia. Esta maneira de agir é errônea por nos desumanizar, levar os amigos e conduzir à solidão!

Ser inteligente é ser bom, não obstante uma asserção deste teor faça abanar a cabeça a muita gente que nunca bebeu na prima fonte.

Na verdade, só a bondade é revolucionária, ao contrário do que se tem ouvido desde o século passado (positivista) aos nossos dias. O mundo materialista que descambou nesta sociedade que tudo consome desenfreadamente, vira-se para a aquisição de coisas tantas vezes sem reverência nenhuma pela ética. Ora aqui, por total incompatibilidade, não há espaço para a bondade que privilegia em primeiro lugar a pessoa. Então ganhou vulto a ideia de que *ser bom é ser fraco* (forte seria o que espezinha o outro) para se deixar o campo livre a um agir irracional. Ser inteligente é então ter a coragem de contrariar essa não-ideia e trabalhar para o Reino da Bondade no Mundo.

O BOMBEIRO-POETA (CONTO)

Pelo lugar e barulho que vinha de dentro, aquele barracão parecia o que lhe tinham indicado. Um medo cada vez maior ia-se apossando dele à medida que se aproximava do antro. A porta estava só encostada. De dentro era a *música*. Decidiu-se a entrar confiado no plano. Uma dúzia de caras, mais rapazes que raparigas, voltou-se ao mesmo tempo como se obedecesse a um comando. Talvez julgassem que fosse um polícia porque desligaram o gravador. Levantou-se a voz de uma moça para dizer que aquele rapaz tinha sido o seu primeiro namorado. Todos riram aliviados e convidaram o intruso a sentar-se. Sobre uma mesa comprida havia peças várias de automóveis, molhos de chaves, ferramentas de todos os tipos, etc. Um dos rapazes encheu um copo e estendeu-lho. Ele ia aceitar, mas levou com a cerveja na cara. As gargalhadas soaram como balas de metralhadora. Ele não reagiu. Enquanto limpava a cara com um lenço que tinha tirado da algibeira, empurraram-no da cadeira e ele caiu no chão aninhado como um feto. As gargalhadas levantavam-se como cobras furibundas acossadas pelo fogo. Ouviu-se um grito, «Parem!» Era a voz da mesma moça. Todos olharam maquinalmente para ela como se não a reconhecessem. Perguntaram-lhe ameaçadoramente que grito tinha sido aquele. Ela respondeu aos *amigos* que também faziam pouco dela. Disseram-lhe que não estavam a perceber. «Já disse, ele foi o meu primeiro namorado! Ele é bombeiro!» Fez-se um silêncio estúpido entre os rapazes. Ele sentia aquela luz amarelenta como mó sobre si. Fixou Cláudia Sofia e começou a recordar um poema antigo, «Cláudia minha/ Eu te adoro/ Tão menina/ Por ti choro// Teu olhar/ Sempre atento/ Vou lembrar/ Vezes cento//». Rebutaram de novo as gargalhadas, mas um matulão berrou a rir-se, «Estou a topar, deixem ouvir o *poeta*!» Todos se calaram, ficam só os sorrisos de es-

cárnio. O bombeiro já ia a meio, «... Teu sorriso/ Fio de luz/ Traz o siso/ Que seduz//».

Cláudia Sofia não tinha tido aproveitamento no décimo ano, já lá iam dois anos. A melhor nota tinha sido a Português, depois duas ou três positivas baixas e negativas ao resto. No final de cada período era sempre o mesmo. O Conselho de Turma olhava embaraçado para o colega de Português e pedia-lhe que desvendasse o segredo. O professor dizia não saber, que era os resultados que tinha. Os outros encolhiam os ombros, vinha uma graçola para descongestionar e Cláudia Sofia ficava para trás. Para trás já tinha ficado o pai que morrera num desastre de mota a caminho do trabalho e deixava por criar três filhas. A mãe trabalhava doze horas por dia numa pequena fábrica de carnes para fazer face às despesas. Há muito que não podia controlar devidamente a vida escolar das miúdas. Cláudia Sofia, a mais velha, reprovada no décimo ano de Humanidades, não quis matricular-se no ano lectivo seguinte com o pretexto de ajudar a família. A ajuda que deu foi aparecer com um rapaz que metia medo à mãe e irmãs. Era alto, desconjuntado, sempre a rir-se com o riso da estupidez, dentes grandes todos à mostra, a falar aos roncões. Uma vez Cláudia Sofia desapareceu de casa. Tinha deixado apenas um bilhete pedindo que não se ralassem com ela. A mãe calculava com quem a filha estava, só não sabia onde. Um dia um vizinho que percorria o distrito a vender roupas, trouxe a notícia que vira a Cláudia Sofia num lugarejo para lá do Pínhhal Novo, não longe da estrada que segue para Setúbal. Depois, com o passar dos dias, vinham informações cada vez mais precisas sobre a Claudinha como lhe chamava o ti Rafael das roupas. Até que a mãe foi lá, encontrou a filha, pediu-lhe aflita que voltasse para casa, mas em vão. Cláudia Sofia só repetia, «Mãe, vá-se embora, eu cá me arranjo!» Quando Cláudia Sofia andava no décimo ano, a mãe só lhe ouvia falar em casa no namorado de então, «Mãe, até faz poemas e tudo!» Era o jovem bombeiro, o Victor Escada. Por vezes aborrecia-se com a filha porque todas as conversas iam dar ao Escada

e gritava-lhe, «Tem dó, não sou bigorna!» Mas agora ela tinha uma ideia. Talvez este rapaz desse a volta à cabeça da filha. Nos papéis da Cláudia Sofia lá estavam os poemas do Escada escritos à máquina em folhas brancas. Telefonou-lhe e disse-lhe, «Tenho a certeza que a podes fazer mudar de ideias!» Victor Escada imaginou logo os riscos que poderia correr, mas disse, «Está bem, em vou!»

Lá foi, lá está, «És miragem/ Meu amor/ Qual imagem/ Sobre andor». Cláudia Sofia fitava o antigo namorado num silêncio que já tinha perdido toda a dureza. Agora era a luta contra a torrente das lágrimas e as lembranças de um tempo válido. Os outros fitavam ora a *companheira*, ora o bombeiro à espera de um desfecho. Cláudia Sofia, serenado o rosto, transfigurada a voz, disse, «Vai-te embora, Escada!» Um daquela maralha ironizou, «Tinha que ser Bombeiro!» Victor Escada levantou-se, disse a todos, «Boa-noite!» e saiu a saber que o milagre se tinha operado. No dia seguinte, fazia dezassete anos que Cláudia Sofia tinha sido dada à luz, apareceu à mãe para ajudar no que pudesse e recomeçar uma nova vida.

DOIS LIVROS CONSULTADOS

- Liberal, João, ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DOS CAMINHOS DE FERRO DO SUL E SUESTE **100 ANOS DE HISTÓRIA** (1894-1994) BARREIRO, 1994.
- Pinto da Silva, António Joaquim, REAL ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE VILA NOVA DE FAMALICÃO **LIVRO DO CENTENÁRIO** (1890-1990), VILA NOVA DE FAMILICÃO, 1990

FICHA TÉCNICA

Autor: João Marafuga

Título: História dos Bombeiros de Alcochete

Capa: Augusto Rodrigues

Edição: Associação Humanitária dos B. V. Alcochete

Data: 29/5/97

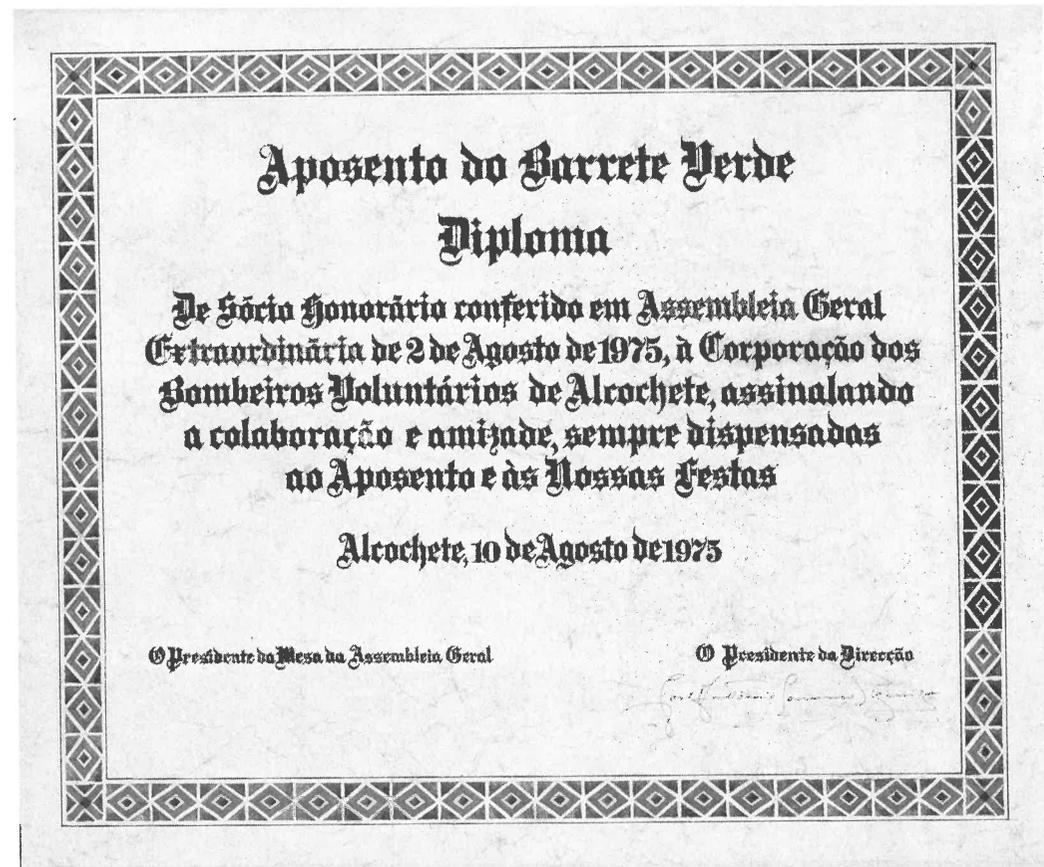
Composição e Impressão: Gonçalves & Henrique, Lda.

Tiragem: 1.000 exemplares

Depósito legal: 110.781/97

ISBN: 972-97333-0-9







REGIÃO DE TURISMO DA COSTA AZUL



C.M.A.
Apoia a Cultura
e Protecção Civil



CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

**Uma Instituição que sempre
tem apoiado a Associação**